

APROPRIAÇÃO DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: DIFICULDADES NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM

Autor: Celene Silva de Azevedo¹

Orientador: Prof. Dr. Diógenes José Gusmão Coutinho²

RESUMO

A aprendizagem do SEA é um processo complexo e se dá de forma gradativa. Apropriar-se da escrita alfabética não é simplesmente codificar e decodificar e sim utilizar um sistema de notação e isso exige do professor alfabetizador conhecimento sobre as diferentes hipóteses formuladas pelo aprendiz, pontuadas pela estudiosa na área, Emília Ferreiro. Quem alfabetiza deve respeitar tais níveis e propor atividades que promovam o avanço de cada aprendiz. Para entender porque o aluno chega no último ano do primeiro ciclo ainda em uma hipótese não alfabética, traçamos como objetivo geral compreender as dificuldades encontradas por professores e alunos no processo de ensino e de apropriação do sistema de escrita alfabética. Já como objetivos específicos, tivemos: a) investigar os possíveis motivos que levam os alunos a não se alfabetizar ao final do 3º ano do ensino fundamental; b) observar e analisar a prática de alfabetização de professoras do ciclo de alfabetização; c) verificar se há relação entre dificuldades na aprendizagem do SEA pela criança e a mediação pedagógica do professor e influência da família nesse processo e; d) identificar as dificuldades dos docentes para conduzir as crianças à apropriação.

Palavras-chave: Apropriação; SEA; Dificuldades; Ensino/aprendizagem,

INTRODUÇÃO

A alfabetização é um processo bastante complexo. Todos nós, imersos em uma cultura letrada, precisamos dominar a leitura e a escrita para estarmos, de fato, exercendo nossa cidadania, podendo usar de forma mais eficiente a linguagem falada e escrita para interagir de forma plena em nossa vida em sociedade.

O processo de alfabetização tem grande relevância no âmbito escolar, pois alfabetizar é promover o ensino da escrita e leitura. Tanto o processo de apropriação da escrita quanto a aprendizagem da leitura e escrita, de uma forma geral, são importantes, visto que o aluno capaz de ler com compreensão e de escrever textos que atendam às finalidades a que se propõem, possivelmente terá maior êxito, também, em outras áreas do conhecimento.

Mas o que vem a ser alfabetização? Não é fácil defini-la, pois há uma multiplicidade de perspectivas e concepções sobre a mesma. As concepções de alfabetização e sobre o que

¹ Pedagoga. Mestre em Educação. Contato: celenesilvadeazevedo@gmail.com

² Doutor em Biologia pela UFPE. Contato: gusmao.diogenes@gmail.com

era estar alfabetização foram se modificando ao longo do tempo. Se na década de 1950 dizíamos que estava alfabetizado quem apenas assinava o nome, hoje esperamos que as crianças ainda no ciclo de alfabetização sejam capazes de ler, compreender e produzir pequenos textos (MORAIS, 2012)

Observa-se que há uma preocupação governamental em sanar as dificuldades dos aprendizes em apropriarem-se do sistema de escrita alfabética e tornarem-se leitores e produtores de texto. Isso fica claro quando vimos o investimento em programas nacionais para formação de professores alfabetizadores, como é o caso do Programa Nacional pela Educação na Idade Certa (PNAIC) e também de programas elaborados no âmbito dos estados e prefeituras com a mesma finalidade: promover a alfabetização.

Alguns autores como Cruz (2008), Albuquerque (2011) e Morais (2012) concordam em afirmar que é possível que os alunos, ao final do 1º ano do ciclo de alfabetização, apresentem uma hipótese de alfabética, desde que o ensino seja sistemático e as metas favoreçam a apropriação do sistema da escrita alfabética. No entanto, apesar dos estudos e da adoção de uma perspectiva sócio construtivista de ensino e aprendizagem, que respeita as fases dos alunos e buscam promover a progressão da aprendizagem, ainda há muitas crianças que não conseguem avançar, não conseguindo compreender e utilizar o sistema de escrita alfabética, doravante SEA.

Essa dificuldade dos aprendizes, bem como a dificuldade dos professores em fazer com que eles compreendam nosso sistema de escrita acabou por mobilizar nossa atenção. Apesar de alfabetização ser algo mais amplo, nosso olhar focalizará apenas o processo de apropriação do SEA.

Ao realizarmos um levantamento das dissertações e teses escritas nos últimos 10 anos, observamos que um número imenso delas tratou da alfabetização. No banco de teses e dissertações da CAPES, encontramos, nesse período, ao buscar o descritor “alfabetização” um total de 2191 dissertações e 611 teses.

Para tentar afunilar esses dados, buscamos no repositório da Universidade Federal de Pernambuco, o que foi escrito no período mencionado e verificamos a existência de 242 dissertações e 105 teses. Escolhemos esse repositório posto que essa universidade possui o Centro de Estudos em Educação e Linguagem, que é uma das referências nacionais sobre o

ensino da língua materna. Nesse repositório, descartamos então os dados que se referiam à Educação Infantil e Educação de Jovens e adultos, detendo-nos apenas aos primeiros anos do ensino fundamental para poder proceder a uma análise mais apurada. Então passamos a observar as pesquisas relacionadas ao descritor “alfabetização”, mas que dissessem respeito a práticas de ensino de professora alfabetizadores e à aprendizagem da escrita.

Dessa forma, encontramos 18 dissertações, e destacamos algumas delas, a saber. Uma delas é a de Dourado (2010) que discorre sobre o atendimento a crianças com dificuldades de alfabetização; outra é a de Cabral (2008) que aborda o que as crianças aprendem e como as professoras as auxiliam; a de Cruz (2008), que discute práticas docentes de sucesso em alfabetização e letramento; a de Silveira (2013) trata da heterogeneidade de conhecimentos das crianças no 3º ano do ciclo (ano em que focalizamos nossa pesquisa) e Bezerra (2008) que traz elementos importantes sobre o progresso dos alunos ao realizarem trabalhos de análise fonológica em duplas, a partir de jogos.

Ao verificarmos as teses encontramos 6 que se relacionavam à alfabetização, sendo que 3 que tratavam de nosso objeto de estudo mais especificamente, chamando atenção para as teses de Cruz (2012) que tratou das práticas de alfabetização e a aprendizagem da escrita e da leitura de alunos dos três primeiros anos do ensino fundamental; Leite (2011) que discutiu as relações entre as habilidades cognitivas do aluno no aprendizado da escrita e as práticas docentes.

Já as teses de Santos (2006) e Sales (2009) trataram da questão do papel da família e da afetividade no auxílio ao desenvolvimento do aluno em processo de alfabetização.

Após apresentado o levantamento de alguns estudos sobre nosso objeto de investigação, falemos sobre como foi construído nosso referencial.

No primeiro bloco discorreremos sobre o sistema de escrita alfabética, para compreender o que é e quais são suas propriedades (MORAIS, 2005; 2012), como a escrita se desenvolve (FERREIRO, TEBEROSKY, 1979; FERREIRO, 2001; LEAL, MORAIS, 2010; CARREHER, REGO, 1981; COUTINHO, 2005) e discutiremos as relações entre consciência fonológica e alfabetização (BRYANT; BRADLEY, 1985 apud LOPES, 2004; CAPOVILLA, CAPOVILLA, 2003; CARVALHO, ALVAREZ, 2000).

O segundo bloco é dedicado à questão do ensino na apropriação do SEA. Nele discutimos sobre os métodos de ensino utilizados na alfabetização, com as contribuições de Nucci (2001), Mortatti (2006), Galvão e Leal (2005) e Roazzi, Leal e Carvalho (1996). Apresentamos também alguns princípios gerais para o ensino da escrita alfabética e atividades que levam à compreensão das propriedades do mesmo (MORAIS, 2012; SOARES, 2004; COUTINHO, 2005). Finalizamos o bloco falando da organização das situações de ensino para que as crianças avancem em seus conhecimentos, baseados em Vygotski (1991), Onrubia (1996), Leal (2005) e Leal, Guerra e Lima (2012).

No terceiro bloco, trataremos discussões sobre o papel da família na alfabetização do aprendiz, trazendo como aportes teóricos Souza e Cisto (2001); Pincus e Dare (1987), Santos e Graminha (2005), Chechia e Andrade (2005), Dessen e Polônia (2007) e Braga, Scoz e Munoz (2007).

A educação no Brasil vem passando por muitos entraves e percalços, em se tratando no ato de alfabetizar ainda é mais complexo pois a falta de conhecimento, identificação e intimidade com esta área tão complexa pode desfavorecer o sucesso da mesma. A alfabetização é um campo vasto que exige do professor habilidades e inovação de paradigmas, conhecimento dos caminhos percorrido pelo aluno para atingir os objetivos traçados. Sabendo que se faz necessário também o conhecimento de entender não só como se aprende, mas também como se ensina.

O processo de alfabetização tem grande relevância no âmbito escolar, pois alfabetizar condiz com o ensino da escrita e leitura, não queremos afirmar com isso que apenas a apropriação da escrita e leitura é importante para o aluno, mas aprendizagem da lectoescrita é fundamental, visto que o aluno que lê e escreve terá êxito em outras áreas do conhecimento.

No Brasil há uma grande preocupação com a alfabetização. O governo tem proporcionado programas que formem professores alfabetizadores para tal temos o PNAIC (Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa), criado em 2012, consiste numa política pública firmada com os Estados, Municípios e MEC com finalidade de formar docentes alfabetizadores, afim de que os alunos sejam alfabetizados até 8 anos de idade e ao final do 3º ano do ensino fundamental. É correto afirmar que seja possível o aluno que não apresente algum problema que dificulte sua aprendizagem ao final do 1º ano do ciclo de alfabetização apresente-se numa hipótese alfabética Cruz (2008), Albuquerque (2011) e Morais (2012)

concordam em afirmar que é possível que os aluno, ao final do 1º ano do ciclo de alfabetização, deva apresentar uma hipótese de alfabética, desde que o ensino seja sistemático e as metas favoreçam a apropriação do sistema da escrita alfabética. Embora o ensino da alfabetização tenha enfrentado várias mudanças e os professores façam uso de metodologias que viabilizem paradigmas de educação, ainda há um cuidado com o trabalho da alfabetização, pois alguns alunos atingem a progressão, mas, a maioria não avança, são impossibilitados de alcançar as exigências que os considerem alfabéticos.

Em experiência própria eu evidenciei e vivi situações de alunos que não avançaram em nível de escrita, para tal, se fez necessário entender:

- Por que um número significativo de crianças apresenta dificuldades de alfabetização no último ano do ciclo destinado a esse fim?
- Quais as dificuldades encontradas pelos docentes para auxiliar a criança a apropriar-se do nosso sistema de escrita?
- Que estratégias e tipos de atividades os professores costumam lançar mão para trabalhar para trabalhar com esses alunos com maiores dificuldades?

O interesse pelo tema surgiu de minha vivência enquanto professora do último ano do ciclo de alfabetização, pois recebi inúmeros alunos que ainda não haviam se apropriado do sistema de escrita alfabética.

Porque, após 2 anos cursando o ensino fundamental, algumas crianças não conseguiam compreender como funciona nosso sistema de escrita? Essa era uma indagação que não queria calar. Então, busquei empreender uma pesquisa que desvelasse o que acontecia a essas crianças que não conseguiam avançar como as outras.

Como veremos adiante, o processo de aquisição da escrita exige que o aprendiz desenvolva uma série de habilidades e compreenda os princípios em que se pautam o sistema de escrita, passando por diferentes etapas, elaborando diferentes hipóteses, até ser capaz de ler e escrever com autonomia. (MORAIS, 2012; FERREIRO e TEBEROSKY, 1979)

No passado, o fato de não aprender era atribuído somente ao aprendiz, que não teria interesse, não se esforçava ou tinham algum problema cognitivo mais sério. Hoje, o olhar sobre a não aprendizagem avançou. Se a criança não aprende vamos investigar se há motivos de ordem social, familiar, orgânica, psicológica, didática que interferem nesse processo de aprendizagem. Ou seja, olhamos não só para os alunos, mas também para os docentes, e para a família, se quisermos ter uma visão mais global. Todos os atores (alunos, pais e professores) são importantes nesse processo.

Como está à frente do processo de ensino, o professor ocupa um papel fundamental e para que ele faça um bom trabalho de alfabetização, é preciso que compreenda como o sujeito se apropria do sistema de escrita, como ele pode passar de um a outro nível de compreensão, que estratégias e atividades podem auxiliar o aprendiz, para que a apropriação do SEA possa acontecer de forma prazerosa.

Não se tem uma fórmula de “como se alfabetizar” mas esse processo exige do professor alfabetizador muito conhecimento das hipóteses que o indivíduo constrói até tornar-se alfabético. A falta de conhecimento do professor pode desfavorecer a aprendizagem do aluno no processo de apropriação da escrita.

Essa pesquisa, então, se propõe a contribuir para a reflexão dos professores no que tange o trabalho com a alfabetização, possibilitando que compreendam quais as principais dificuldades encontradas pelos alunos no processo de apropriação do SEA, bem como de reconhecer nas docentes participantes das pesquisas, suas dificuldades, suas formas de mediar e promover esse processo de apropriação dos aprendizes, servindo como um ponto de análise para suas próprias práticas de ensino. Salientamos que, nesse trabalho, defendemos a alfabetização na perspectiva do letramento.

Acreditamos que ela possa trazer um impacto positivo do ponto de vista acadêmico por buscar desvendar elementos não só relativos a como ocorre a aprendizagem da perspectiva do aprendiz, mas também de localizar em interferências externas, como atuação da família e a própria mediação docente, na facilitação do processo de aquisição da escrita alfabética de nossa língua.

Diante das problemáticas levantadas, surgiram as seguintes hipóteses de pesquisa:

- A criança tem dificuldades na apropriação do sistema de escrita alfabética em virtude da falta de incentivo familiar.
- A criança tem dificuldades na apropriação do sistema de escrita por falta de um planejamento e de atividades que atendam às suas singularidades.
- O professor tem dificuldades em promover a aquisição do sistema de escrita pelas crianças por desconhecimento do como acontece o aprendizado do SEA.
- O professor tem dificuldades em promover a aquisição do sistema de escrita pelas crianças por não conseguir realizar um trabalho que atenda às necessidades de cada criança.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender as dificuldades encontradas por professores e alunos no processo de ensino e de apropriação do sistema de escrita alfabética.

Objetivos específicos

- Investigar os possíveis motivos que levam os alunos a não se alfabetizar ao final do 3ª ano do ensino fundamental.
- Observar e analisar a prática de alfabetização de professoras do ciclo de alfabetização.
- Verificar se há relação entre dificuldades na aprendizagem do SEA pela criança e a mediação pedagógica do professor e influência da família nesse processo.
- Identificar as dificuldades dos docentes para conduzir as crianças à apropriação.

METODOLOGIA

Essa pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, visto que se propõe a compreender as dificuldades encontradas por professores e alunos no processo de ensino e de apropriação do sistema de escrita alfabética. Esse tipo de abordagem trabalha com “o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um

espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos” (MINAYO, 2001, p.21-22)

Nosso objetivo foi investigar os possíveis motivos que levam os alunos a não se alfabetizar ao final do 3^a ano do ensino fundamental, bem como observar e analisar a prática de alfabetização de professoras do ciclo de alfabetização, verificando se há relação entre dificuldades na aprendizagem do SEA pela criança e a mediação pedagógica do professor.

Assim, para alcançar tais objetivos, fizemos uso de algumas técnicas de coleta de dados, sendo que a primeira deles, a pesquisa bibliográfica, nos permitiu compreender melhor nosso objeto de pesquisa, pois a partir do material elaborado anteriormente, construímos um marco teórico necessário para a análise posterior de nossos dados.

Com o intuito de investigar a prática das docentes aplicamos um questionário ao grupo de 6 professoras, que nos permitiu compreender algumas questões sobre a formação inicial das professoras, suas experiências enquanto docentes, o que compreendem por alfabetização, quais as suas angústias e dificuldades e que tipo de atividades costumam oferecer às crianças que ainda não se alfabetizaram. Ele ofereceu a oportunidade de fazer um mapeamento geral para que passássemos para uma nova etapa, a observação de aulas nas turmas do 3^o ano do ensino fundamental.

A observação foi a técnica utilizada para que, enquanto pesquisadora, entrássemos em contato direto “com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO, 2001, p. 59) e assim pudéssemos confrontar e/ou complementar os dados conseguidos na entrevista. Segundo Günter (2006), a observação fornece a possibilidade de encontrar pontos a serem esclarecidos e complementados com as entrevistas.

Já a entrevista nos permitiu esclarecer alguns dados que não ficaram claros no questionário. Esclarecemos que a entrevista só foi aplicada às duas professoras dos 3^{os} anos.

Com o objetivo de verificar quais os alunos ainda não tinham sido alfabetizados, sendo pois, motivo de maior atenção das professoras, utilizamos os ditados diagnósticos que eram protocolos de escritas realizados no início do ano e no período da pesquisa (início do segundo semestre de 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É lamentável saber que após 3 anos de escolarização, um número significativo de aluno não consegue compreender o sistema de escrita alfabético, compreendendo as relações som/letra e conseguindo ler e produzir pequenos textos, necessários para sua socialização em um mundo letrado.

Dessa forma, buscamos compreender quais as dificuldades encontradas pelas crianças e professores e que tipos de estratégias e atividades os professores usam para trabalhar com os alunos com dificuldades na compreensão do SEA. Nossa preocupação era saber porque um grande número de crianças não se alfabetiza após anos de escolaridade.

Nossos dados abaixo vão fornecer-nos pistas para compreender essa problemática.

Na escola X, a docente do 1º ano, afirma que costuma realizar agrupamentos em duplas para favorecer a reflexão sobre a escrita, respeitando os níveis das crianças e propõe muitas atividades com análise fonológica (com e sem uso de jogos), ditados mudos e outras atividades de escrita. Ela revela uma preocupação com o número excessivo de alunos por sala e uma angústia por não conseguir alfabetizar a todos, chegando a sugerir que haja, uma auxiliar para trabalhar com as crianças que estão tendo dificuldades para se alfabetizar. Em sua rotina de trabalho aparecem atividades permanentes e também atividades diversificadas, mostrando um planejamento bem estruturado. Sua concepção de ensino-aprendizagem parece pertencer ao construtivismo.

A professora do 2º ano, nesse questionário, afirmou fazer agrupamentos em sala de aula, com alunos de escritas semelhantes e disse realizar atividades como parlendas, trava-línguas, escrita de palavras com alfabeto móvel, jogos de consciência fonológica, atividades de reflexão fonológica com letras de música, proposta de escrita de palavras (nomes, brincadeiras, alimentos, etc) e de textos (que as crianças sabem de cor), além de deixar a sala com um ambiente alfabetizador, com a presença de alfabeto nas paredes, fichas com nome das

crianças. Ela sugere que para a melhoria da prática alfabetizadora, de uma forma geral, que a alfabetização comece já na Educação Infantil, o que encontra ressonância na fala dos pesquisadores, que sugerem um trabalho de reflexão fonológica desde essa etapa escolar, sem no entanto a presença de atividades maçantes e descontextualizadas, respeitando sempre a infância e assegurando a ludicidade. Sua rotina demonstra cuidados com a apresentação de leituras, ludicidade e momentos de reflexão sobre o sistema de escrita, procedimentos bem próprios de um professor alfabetizador que tem uma postura construtivista da aprendizagem. A docente afirmou ter conseguido alfabetizar um aluno autista após descobrir seu interesse por carros e propor atividades a partir dessa temática.

Encontramos, no 3º ano, uma professora que, apesar de se declarar construtivista, tem discursos que parecem associá-la à uma concepção mais tradicional, pois revelam preocupação com a prontidão para a alfabetização, não propõe atividades com agrupamentos de crianças. Ela aponta apenas a escrita espontânea como atividade favorecedora da compreensão do SEA. A docente é a que tem menor experiência em alfabetização.

Analisando o exposto acima, verificamos que, em sua maioria, as docentes do ciclo de alfabetização da escola X, afirmam propor atividades que favoreçam a compreensão do SEA e organizam seus planejamentos de forma a buscar sanar as dificuldades dos alunos. Vale salientar que, mesmo assim encontram dificuldades, como número grande de alunos na sala, falta de participação da família e desmotivação dos alunos. Vimos uma preocupação maior nas professoras dos 2º e 3º anos, pois a cobrança dos pais em relação à alfabetização aumenta na medida em que transcorrem os anos escolares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo investigou apropriação do SEA pelos estudantes de turmas do 3º ano do ensino fundamental, com a finalidade de compreender as dificuldades encontradas por docentes e discentes nesse processo, investigando possíveis motivos para que impedem os alunos a se alfabetizarem ao final do ciclo de alfabetização, bem como a participação dos pais nesse processo. Desse modo,

foram observadas e analisadas as práticas alfabetizadoras de duas professoras do ciclo de alfabetização, na tentativa de verificar se existe relação entre dificuldade na aprendizagem do SEA pela criança e mediação pedagógica do professor e como se dá a influência familiar nesse contexto, identificando também as dificuldades dos docentes na condução das crianças à apropriação.

Considerados os dados apresentados no estudo tem-se que: a dificuldade em lidar com o SEA não envolve apenas o aprender mas também o ensinar, já que as dificuldades dos alunos quanto à compreensão do nosso sistema de escrita, pode ser minorada com uma intervenção precisa dos docentes, com o uso de atividades que os auxiliem a avançar de uma hipótese de escrita à outra.

Alguns fatores foram indicados pelas docentes como limitantes ao seu trabalho, tais como a heterogeneidade de conhecimentos da turma, o número alto de alunos matriculados e a falta de apoio por parte das famílias. O tratamento da heterogeneidade pode ser muito comprometedor, considerando que os indivíduos são singulares e cada um têm uma forma de aprender diferente, uns adquirem conhecimentos com mais brevidade e outros em passos lentos, caso o/a docente não busque atender a essas diferenças entre as crianças e as auxiliem na potencialização de suas aprendizagens.

O ensino do SEA exige conhecimento dos professores das turmas do ciclo de alfabetização, competências que lhes possibilite identificar e trabalhar com as hipóteses de escrita adequando o currículo e as atividades a serem ofertadas às particularidades e individualidades de cada aluno. O não respeito à heterogeneidade da turma pode se refletir no aumento da baixa autoestima do aluno, que não recebe qualquer tipo de motivação da família ou no não avanço das aprendizagens de cada criança. Nossos dados sinalizaram para a dificuldade, encontrada pelas docentes, em trabalhar com a heterogeneidade, principalmente quando há um grande número de alunos em sala de aula. Isso aflige o professor, que se vê impossibilitado de dar assistência a todas as crianças, o que acaba por comprometer o ensino aprendizagem.

A falta de atividades que ajudem os aprendizes a refletir sobre seu erro também é um ponto a ser considerado. Durante as observações da pesquisa, não

conseguimos encontrar evidência de um trabalho realizado em outro molde, que não fosse o ensino simultâneo para toda a classe. Compreendemos que uma prática docente que leve os alunos a trabalharem em pequenos grupos ou duplas, possa levar o aluno a atingir a ZDP, fazendo-os avançar.

As docentes pesquisadas queixaram-se da falta de apoio das famílias. Sabemos que para o aluno progredir cognitivamente, é preciso o envolvimento da gestão da escola, dos professores e também da família, não na incumbência de passar conhecimentos que devem ser adquiridos na escola, mas no dever de não apenas matricular seu filho, como também no acompanhá-lo na trajetória escolar, apoiando o professor naquilo que for pertinente para a formação do cidadão crítico, pensante e conhecedor em um mundo letrado.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA A. G. S., CAPOVILLA, F. C. (2003) **Alfabetização: Método fônico**. São Paulo, SP: Memnon.

CARRAHER, Terezinha Nunes; REGO, Lúcia Browne. O realismo nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura. *Cadernos de Pesquisa* n. 39, 1981.

CARVALHO, I.A.M; ALVAREZ, R.M.A. **Aquisição da linguagem escrita**: Aspectos da consciência fonológica. *Revista Fono Atual*, n.1, 2000.

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.) **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FERREIRO, Emília. *Reflexões sobre alfabetização*. Tradução Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1979

LEAL, Telma F.; MORAIS, Artur. O aprendizado do sistema de escrita alfabética: uma tarefa complexa, cujo funcionamento precisamos compreender. In: LEAL, T.F.; ALBUQUERQUE, E.B.C.; MORAIS, A.G. **Alfabetizar letrando na EJA**: fundamentos teóricos e propostas didáticas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LEAL, Telma Ferraz; GUERRA, Severina Érika; LIMA, Juliana. Atividades em grupo: que benefícios podem trazer ao processo de aprendizagem? In: FERREIRA, Andréa Tereza Brito; ROSA, Ester Calland de Sousa (orgs.). **O fazer cotidiano na sala de aula**: a organização do trabalho pedagógico no ensino da língua materna. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (Coleção Língua Portuguesa na Escola, 1)